

Editorial econômico

Planejamento duvidoso da energia térmica



Nos últimos meses, apareceram mais evidências de equívocos no modelo de energia elétrica. Por exemplo, o vulto dos subsídios concedidos pelo governo federal às geradoras para compensar a mudança tarifária de 2013; os danos provocados no mercado de gás natural pelos subsídios dados ao preço do óleo combustível; o descontrole das despesas correntes em usinas estatais; ou a cobrança de R\$ 12 bilhões da União pela Eletrobrás como indenização pela antecipação de concessões. Em contrapartida, há o exemplo de empreendedores privados que, em plena crise, em pouco mais de uma década montaram o parque eólico de Caetité, na Bahia, descrito na reportagem de Renée Pereira, no *Estado* de domingo.

Mas predominam os maus exemplos da política energética, mostrou estudo do Instituto Acende Brasil sobre a falta de transparência do modelo brasileiro de energia, que é analisada desde o racionamento de 2001.

Um dos erros de planejamento das usinas térmicas fica exposto com clareza nos períodos em que as termoeletricas são muito acionadas, como em 2011 e 2012, quando os reservatórios das hidrelétricas apresentaram níveis baixos, que impu-

nham a operação intensiva das térmicas, sob pena de pôr em risco a oferta de energia.

As térmicas, segundo o presidente do instituto, Claudio Sales, foram feitas para operar por curtos períodos, só em épocas de fragilidade do regime pluviométrico. Por isso os empreendedores investiram o mínimo possível. “Desde que o custo do capital fosse pequeno, as térmicas poderiam ter um custo operacional elevado, já que ficariam desligadas”, notou Sales. Assim, apenas 30% da eletricidade gerada nas usinas térmicas tem custo módico, de até R\$ 100 o MWh. Mas 54% da energia produzida pelo parque térmico tem custo alto, a metade entre R\$ 100 e R\$ 200 o MWh e a outra metade de até R\$ 400 o MWh, informou o jornal *Valor*. Um pequeno percentual da energia térmica (3,7%) chega a ter custo entre R\$ 600 e R\$ 800 o MWh. Os projetos térmicos negligenciaram ainda outros atributos, como a localização e a flexibilidade operacional, que lhes dariam mais eficiência.

O problema é agravado por outros erros, como o de superestimar a oferta de armazenamento dos reservatórios – e, portanto, de oferta de energia. O resultado é um aumento dos custos da energia, cabendo ao governo reconhecer a necessidade de aprimorar as informações e corrigir os erros de planejamento.

Nos últimos meses, apareceram mais evidências de equívocos no modelo de energia elétrica. Por exemplo, o vulto dos subsídios concedidos pelo governo federal às geradoras para compensar a mudança tarifária de 2013; os danos provocados no mercado de gás natural pelos subsídios dados ao preço do óleo combustível; o descontrole das despesas correntes em usinas estatais; ou a cobrança de R\$ 12 bilhões da União pela Eletrobrás como indenização pela antecipação de concessões.

Em contrapartida, há o exemplo de empreendedores privados que, em plena crise, em pouco mais de uma década montaram o parque eólico de Caetité, na Bahia, descrito na reportagem de Renée Pereira, no Estado de domingo. Mas predominam os maus exemplos da política energética, mostrou estudo do **Instituto Acende Brasil** sobre a falta de transparência do modelo brasileiro de energia, que é analisada desde o racionamento de 2001.

Um dos erros de planejamento das usinas térmicas fica exposto com clareza nos períodos em que as termoelétricas são muito acionadas, como em 2011 e 2012, quando os reservatórios das hidrelétricas apresentaram níveis baixos, que impunham a operação intensiva das térmicas, sob pena de pôr em risco a oferta de energia.

As térmicas, segundo o presidente do instituto, **Claudio Sales**, foram feitas para operar por curtos períodos, só em épocas de fragilidade do regime pluviométrico. Por isso os empreendedores investiram o mínimo possível. "Desde que o custo do capital fosse pequeno, as térmicas poderiam ter um custo operacional elevado, já que ficariam desligadas", notou **Sales**.

Assim, apenas 30% da eletricidade gerada nas usinas térmicas tem custo módico, de até R\$ 100 o MWh. Mas 54% da energia produzida pelo parque térmico tem custo alto, a metade entre R\$ 100 e R\$ 200 o MWh e a outra metade de até R\$ 400 o MWh, informou o jornal Valor. Um pequeno percentual da energia térmica (3,7%) chega a ter custo entre R\$ 600 e R\$ 800 o MWh. Os projetos térmicos negligenciaram ainda outros atributos, como a localização e a flexibilidade operacional, que lhes dariam mais eficiência.

O problema é agravado por outros erros, como o de superestimar a oferta de armazenamento dos reservatórios - e, portanto, de oferta de energia. O resultado é um aumento dos custos da energia, cabendo ao governo reconhecer a necessidade de aprimorar as informações e corrigir os erros de planejamento.